

Revista Principios - Deptº. Filosofia UFRN, RN, Vol. II - Nº I
Junho de 1995

ENSAIO ACERCA DA IMAGEM POÉTICA: BACHELARD E JOÃO DO RIO

MARKUS FIGUEIRA DA SILVA

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA UFRN/UFRJ

1995

A Poética do Espaço nos revela a possibilidade de uma filosofia da poesia, onde encontramos um outro "lance" de pensamento diferente da "Filosofia Tradicional" - não há noção de 'princípio' em poesia.

Ao indagarmos a respeito do poético, deparamo-nos com o descontínuo, o sem passado - que prescinde de ordem cronológica. Bachelard pensa a imagem poética como algo que tem um ser próprio, um dinamismo próprio.

A partir desta idéia, contrói-se todo um campo teórico que toma a atitude de pensar a poesia de um ponto de vista filosófico, onde se procura articular como a imagem poética advém de um ontologia direta, ou seja, a imagem poética como expressão criada do ser - devir de experiência e devir de nosso ser.

Bachelard recusará as explicações causais dadas pelos psicólogos e psicanalistas, que são insuficientes para esclarecer bem o caráter inesperado da (nova) imagem poética. Partirá de outro ponto - a Fenomenologia de Minkowski - que entende que para determinar o ser de uma imagem será necessário senti-la em sua repercussão!

Colocar a questão da imagem como expressão criada do ser significa dizer que a comunicabilidade de uma imagem singular é um fato de grande significação ontológica. Isto reclama um maior esclarecimento que segundo Bachelard só se dará com a construção de uma Fenomenologia da Imaginação, que seria

*“um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade”*².

Ouvimos a seguir o anúncio de uma metafísica da imaginação, que significa uma ruptura com a ‘prudência’ da racionalidade científica. Para compreendê-la é necessário entender o fenômeno da trans-subjetividade da imagem, o que se dará através de uma análise fenomenológica da imagem poética.

Bachelard estabelece uma distinção fundamental entre a imagem poética e o conceito filosófico, entendendo a primeira como essencialmente variacional, isto é, que não pode ser determinada definitivamente; e o segundo como constitutivo. Para entender a real dimensão deste ‘variacional’, o leitor de poemas não deve tomar uma imagem como objeto, menos ainda como substituto do objeto, mas perceber-lhe a realidade específica. *“É preciso para isso associar sistematicamente o ato da consciência criadora ao produto mais fugaz da consciência: a imagem poética”*³.

Há, segundo Bachelard, uma fenomenologia microscópica no domínio da criação poética. Ele nos ensina que uma imagem em sua simplicidade não precisa de um saber, *“ela é dádiva de uma consciência ingênua - linguagem jovem”*⁴. É preciso que entendamos que o poeta na novidade de suas imagens é sempre origem de linguagem, e que a imagem existe antes do pensamento.

Buscar construir uma ‘Filosofia da Poesia’ significa dar a real dimensão de liberdade ao poeta no que se refere ao uso da linguagem: ela deve receber todas as virtualidades do vocabulário, não deve simplificar nada, nada tornar rígido. Neste caminho tomado por Bachelard encontramos uma diferenciação conceitual entre alma e espírito. Para ele, antes de ser uma ‘fenomenologia do espírito’, a poesia é uma ‘fenomenologia da alma’, entendendo-se alma por consciência sonhadora. Aqui espírito e alma não são sinônimos. A palavra alma é uma palavra imortal, é uma palavra da emanção. Alma significa luz interior, luz do sol. Passamos então a analisar o que vem a ser a Fenomenologia da Alma.

“... A consciência associada à alma está mais fundada, menos intencionalizada do que a consciência associada aos fe-

nômenos do espírito” .

Compreender uma fenomenologia da alma, significa alcançar a idéia de uma dialética que distingue as noções de inspiração (alma) e talento (espírito). A compreensão dessas duas noções é por demais importante para entendermos a evolução das imagens poéticas: desde o devaneio até a sua execução. Bachelard entenderá o devaneio poético como fenomenologia da alma, onde se entende devaneio como “instância psíquica que constantemente se confunde com o sonho” . É importante notarmos que o devaneio poético não flui só de si próprio, ou seja, para fazer um poema completo, bem estruturado, será preciso que o espírito se prefigure em projeto. Por outro lado, para uma simples imagem poética não há projeto, pois ela advém de um simples movimento de alma. A alma tem uma característica inaugurativa. Ela é uma potência de primeira linha. Como nos revela Pierre-Jean Jouve: “A poesia é uma alma inaugurando uma forma” .

Nas trilhas da construção de uma fenomenologia da alma, Bachelard articulou uma duplicidade fenomenológica, onde estabelece uma diferença entre repercussão e ressonâncias. Segundo o pensador, as ressonâncias se dispersam nos diferentes planos da nossa vida no mundo - (ouvimos o poema), e repercussão nos chama a um aprofundamento de nossa própria existência - (falamos o poema - ele é nosso). A repercussão opera uma revirada do ser - parece que o ser do poeta é nosso ser - o que torna possível a caracterização da exuberância e a profundidade de um poema como fenômenos da dupla ressonância - repercussão. Há, portanto, duas linhas de análise fenomenológica: uma que leva às exuberâncias do espírito, outra que vai às profundezas antes de movimentar a superfície. “Ela nos coloca diante da origem do ser falante”, o que dá sentido ao que falamos no início deste trabalho, ou seja: a imagem como expressão criada do ser. É assim caracteriza-se o nível de ontologia que é trabalhado.

Partindo da tese segundo a qual “tudo que é especificamente humano no homem é *lógos*”, compreendemos a imagem poética como acontecimento do *lógos*, e esta é (para nós) inovadora. E cada imagem poética nova tem um valor de intersubjetividade, isto é, não há espaço para a causalidade, como queriam psicólogos

e psicanalistas, pois a imagem poética escapa a tal determinação, sendo construída pelo *lógos* poético. Isto é de suma importância quando se trata de compreender a ontologia do poético, que não pode ser determinada por doutrinas causais, visto que nada prepara uma imagem poética: nem a cultura (no modo literário); nem a percepção (no modo psicológico). Segundo Bachelard, “a novidade essencial de uma imagem poética coloca o problema da criatividade do ser falante”. É através da criatividade que a consciência imaginante se descobre como uma origem. É isto o que interessa a Bachelard quando estuda a imaginação visando a construção de uma fenomenologia da imaginação poética, numa palavra: isolar o valor da origem de diversas imagens poéticas. O que se torna claro quando se põe a nu que é ao nível das imagens separadas que podemos repercutir fenomenologicamente. Tal fenômeno ocorre porque a poesia põe a linguagem em estado de emergência. “A vida se mostra aí por sua vivacidade”. Outrora, as artes plásticas codificavam as licenças. Mas a poesia contemporânea (esta é uma classificação de Bachelard) pôs a liberdade no próprio corpo da linguagem. “A poesia aparece então como um fenômeno da liberdade”.

Entendemos, finalmente, que a imagem poética, enquanto origem da consciência, advém da fenomenologia. É como disse Bachelard: “*observando que as coisas nos falam, e que por isso mesmo, se damos pleno valor a essa linguagem, temos um contato com as coisas ...*”⁵.

A imaginação produz incessantemente e se enriquece de novas imagens. É essa riqueza do ser imaginado que é objeto desta obra de Bachelard. Nela, ele busca fazer uma topoanálise dos lugares esquecidos à mercê da intimidade, e que são rebuscados freqüentemente pela imaginação - eis o objetivo de uma poética do espaço.

* * *

“Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo.
Ver com olhos livres”⁶

Oswald de Andrade expressa em pensamento a sabedoria ingênua da adivinhação, a poesia feita a partir de uma ‘leitura’, que

é construção imagética do simples, do corriqueiro, do mundo fragmentado que os olhos atentos podem captar.

Assim é João do Rio - um 'flâneur' - um poeta na novidade de suas imagens - imagens que existem antes do pensamento, que emanam da 'alma', que é inspiração. Um simples movimento da alma cria uma imagem poética. O flâneur tem a alma em movimento - constante criação de imagens. Diante da multiplicidade do real, o poeta "*inaugura uma forma*" - Assim, a imagem chega às profundezas (onde a alma está fundada) e é então *expressão criada do ser*".

*"Tudo se transforma, tudo varia - o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua"*⁷.

O olhar do poeta por sobre os ombros das historiografias, expõe uma visão de mundo própria de uma reflexão/descomprometida, porém profunda, construída a partir de um 'aqui e agora', de um lampejo de som e sentido - o verso.

O poeta pensador descobre ao dizer, a maneira de dizer o que não pode deixar de ser dito. Assim, ele presencia a realidade mesma, imanente ao acontecimento captado no momento criador do artista - configurador de imagens silábicas.

É tão forte o querer expressar-se, sair-se pensamento, materializando-se em som, que um cançonetista de Montmartre é tomado de um sentimento que o leva a dizer versos que seriam interpretados depois por um cronista do Rio, e daí atribuir um sentido, isto é, uma possibilidade de compreensão.

O que um dicionário estabelece como 'verdade' - definição cristalizada de uma palavra - a poesia dirá num outro movimento, que é possibilidade de dizer da coisa, o que num momento é presenciado, o que faz-se sentido quando sentido.

“ ... A rua era para eles um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações (...) Ora, a rua é mais do que isso, a rua é fator da vida das cidades, a rua tem alma ... ”⁸.

“A Rua” é exposição de imagens, é a construção de um sentido e é, sobretudo, uma vivência - o exercício de uma liberdade - a composição.

João do Rio faz de seu relato um retrato cinematográfico da relação de intencionalidade entre uma consciência imaginante e o que se apresenta como possibilidade de ser falado, versado. É o que Bachelard chama de imagem poética, ou seja, aquilo que como origem da consciência advém da fenomenologia. Tal imagem acontece quando “*observando que as coisas nos falam, e damos pleno valor a essa linguagem, temos um contato com as coisas*”⁹.

Há um certo traço nômade naquele que ama a rua e faz dela a matéria de suas reflexões. - O que leva alguém a se preocupar com a compreensão do ‘mundano’, do que por si é ‘diferença’, heterogeneidade, multiplicidade de imagens? Talvez esta questão possa se apresentar como uma indagação do homem sobre a realidade - a realidade múltipla e sem determinação. É sem dúvida nenhuma uma questão filosófica; o que não exige uma sistematizada resposta filosófica. Aqui, o indagar nasce do vivenciar poeticamente o momento, e por isso mesmo permite-se responder à indagação num discurso poético.

Se perguntarmos ao texto de João do Rio quem tece o discurso poético sobre a realidade, ele dirá: o flâneur. Isto é, aquele que pratica a arte de flunar - “*Flunar significa ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem ... Flunar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico*”¹⁰.

É o flâneur quem talvez responda de maneira mais autêntica e honesta, porque descomprometida, à pergunta acima formulada. O flâneur frequenta os acontecimentos e reflete sobre o ocorrido tecendo longos discursos, criando magníficas expressões pra dizer o que para ele se apresenta como realidade.

"(...) Quando o flâneur deduz, ei-lo a concluir uma lei magnífica por ser para seu uso exclusivo, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas. E é então que haveis de pasmar da futilidade do mundo e da inconcebível futilidade dos pedestres da poesia de observação ...

"11

Se pudermos estabelecer uma diferença entre o 'ser filósofo' e o 'ser pensador', diríamos que o poeta é pensador e não "filósofo", pois agindo assim cometemos a delicadeza de livrar o poeta-flâneur de ser submetido ao tribunal da razão, erguido e sustentado por uma certa tradição filosófica.

Vemos aqui com certa clareza o quanto podemos aproximar a visão do poeta construída por João do Rio, daquela que nos é apresentada por Bachelard em A Poética do Espaço.

Dono de uma indefinível sensibilidade, João do Rio no início do século, quando escreve sua obra, já nos coloca questões que mais tarde aparecem de maneira bastante similar no pensamento poético de Bachelard. Fazer uma espécie de 'hermenêutica da poesia', eis a tarefa de um e de outro, na medida em que mergulham no universo poético e pescam preciosos arranjos de palavras, traduções de 'modos de ver' a relação estabelecida entre homem e mundo; entre o ser falante e o que é objeto de seu discurso - a realidade. Nada é dito dentro de complexas malhas conceituais, como é próprio dos sistemas filosóficos, nem é calculável numa 'metodologia de pesquisa', como é o caso dos "edifícios" científicos.

O poeta distancia-se dos esquematismos e das metodologias e busca na simplicidade da imagem poética sempre nova um valor de intersubjetividade, ou seja, quando "*considerada na transmissão de uma alma para outra, vê-se que uma imagem poética escapa às pesquisas de causalidade*"¹². E assim "*o poeta põe a liberdade no próprio corpo da linguagem. A poesia aparece então como um fenômeno da liberdade*"¹³.

1 Repercussão aqui é definido como medida do ser de uma imagem poética.

2 Bachelard - *A Poética do Espaço* - Introdução.

3 Idem - p. 185.

4 Idem.

5 Idem - p. 190.

6 O. de Andrade - *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, p. 09.

7 João do Rio - *a Alma Encantadora das Ruas*.

8 J. do Rio - *A Alma Encantadora das Ruas*.

9 Bachelard - *a poética do Espaço*, p. 190.

10 J. do Rio - *A Alma Encantadora das Ruas*, pg. 05.

11 Idem, pg. 06.

12 Bachelard - *A Poética do espaço*, pg. 187.

13 Idem, pg. 187.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS:

1 ANDRADE, O. de - *Obras Completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. v. 06.

2 BACHELARD, G. - *A Poética do Espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

3 RIO, J. do - *A Alma Encantadora das Ruas*. Rio de Janeiro: S.M.C., 1987.